

Camelôs acusam o líder preso

Segundo ambulantes, no Viaduto Santa Ifigênia, Gilberto Monteiro da Silva era a "lei"

Nem é preciso citar o nome completo de Gilberto Monteiro da Silva para se fazer entender no Viaduto Santa Ifigênia, no centro. Basta pedir opinião sobre a "prisão do Gilberto" para obter uma descrição de suas atividades com os camelôs que ali trabalham. Alguns dizem que não o conhecem ou não podem falar.

Vários ambulantes ouvidos ontem confirmam o poder do presidente da Associação dos Camelôs Independentes de São Paulo no dia-a-dia do viaduto e o acusam

de liderar a máfia no local. "Ele aqui era a lei", disse uma camelô.

"Para mim, ele é abaixo de zero, um ditador que põe segurança em todo lugar para pressionar a gente", desabafou outro camelô, pouco após afirmar que preferia o silêncio, para não sofrer represálias.

É diferente a reação dos ambulantes que vendem seus produtos em sacolas, espalhadas pelo viaduto, e a dos que ficam nos boxes instalados no local. Os primeiros não poupam críticas. Os demais dividem-se entre defesa e ataque. Os que o defendem alegam que, não fossem os R\$ 10,00 por semana pagos a cada segurança (são 12 no total), não teriam nem esse serviço nem a limpeza do viaduto.

Em 1996, o Estado já publicava

denúncia contra Silva. Camelôs o acusavam de receber de comerciantes para expulsar os marreteiros. Eles diziam que, após assumir a associação, o presidente ficou rico. Na época, eram cinco os seguranças. A associação teria sido criada por sugestão do então prefeito Paulo Maluf (PPB).

A participação de vereadores no esquema de corrupção também foi citada ontem pelos ambulantes do viaduto. "Acima dele, só a Casa Grande", disse um deles, referindo-se à Câmara Municipal.

"Ele paga o Garib", garantiram vários. Outro camelô contou que nem sempre era Silva quem fazia a coleta do dinheiro. "Vinha uma japonesa no lugar dele", afirmou. (Alceu Luís Castilho)